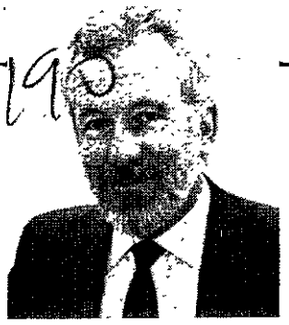
Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Fluminense **Class.:** SALA 71

Data: 7 de Março de 1989 **Pg.:**



Alexandre Garcia

Mas nós não somos índios

A revista "Time" de ontem está dedicando uma página inteira ao episódio de Altamira, dizendo que foi um "perfeito protesto cinematográfico", com 600 índios, 200 jornalistas e ativistas ecológicos da Europa e Estados Unidos, inclusive o roqueiro inglês Sting. A chave da reportagem está no final, onde a "Time" publica uma declaração do índio Paiakan: "A represa é progresso para o branco; não para o índio". Essa é a chave de tudo: equilibrar os interesses de quem precisa de eletricidade para acender a luz e de quem não precisa. É um problema da grande injustiça da humanidade, em que as maiorias sempre se sobrepuseram às minorias.

A nosso favor, não vale alegar que somos civilizados, porque não somos. Nós não usamos cinto de segurança; os civilizados usam. Nós jogamos lixo pela janela dos nossos automóveis, convertendo as ruas de uso de todos numa imensa lixeira; os civilizados não jogam. E não se vá dizer que isso é questão de riqueza, que eles são ricos na Europa, Japão e Estados Unidos, e por isso são civilizados. Não, porque para jogar lixo pela janela dos automóveis, temos que ter automóveis; está certo, os civilizados têm carro de quatro portas, mas aqui, mesmo com carrinhos de duas portas, isso mostra um certo poder aquisitivo. Nós não obedecemos faixa de pedestre nem sinal vermelho; os civilizados obedecem. Ah, e em muitas cidades, nem mesmo o Detran usa cinto de segurança. Bem, entre nós e os índios, a coisa não é por aí. É porque nós não aprendemos a fazer fogo com pedras e paus. Precisamos do interruptor. E como nos multiplicamos muito — diferente dos civilizados — precisamos cada vez mais de energia elétrica. Como dizem que a energia nuclear é perigosa; como a energia a carvão destrói florestas ou a atmosfera; como energia a óleo não podemos pagar, restam os rios. O que fazer é problema nosso. Os homens que pagamos para estar no Governo e no Congresso precisam achar uma solução boa para todos. Para nós e para nossos bisnetos.

Por falar em bisneto, neste final de semana em Brasília houve um protesto de jovens, porque uma estudante morreu, tragada por um bueiro sem grade. Um dos cartazes ameaçava: cuidado, no futuro nós os governaremos". Errado. No futuro, os jovens de hoje governarão os jovens de amanhã. Ser jovem é uma transição rápida, que dura menos de 10 anos. Logo o jovem vira adulto e a criança vira jovem. Como isso passa rápido, vem uma falça idéia de impunidade e irresponsabilidade, quando deveria ser o contrário. O jovem de hoje deveria semear para que o adulto que ele vai ser possa colher. Assim seria mais construtivo. Idéias novas construindo. O mundo seria melhor.

Muita gente acha que o mundo poderia ser melhor. E poderia. Às vezes dá vontade de destruir tudo e começar do zero. De achar que tudo está errado. De denunciar tudo como corrupção. Mas nem sempre é assim. Neste final de semana, recebi um telefonema "denunciando" que o Brasil iria "desviar" para a Ferrovia Norte-Sul 600 milhões de dólares de exportações de açúcar que estão depositados nas Ilhas Cayman. Fiquei perguntando: "Mas onde está a denúncia?". Nas Ilhas Cayman há vários bancos, inclusive o Banco do Brasil. É normal que se depositem reservas cambiais por lá e usar reservas para infra-estrutura ferroviária parece ser elogiável, não denunciável. Aí pensei: é por isso que tantas denúncias dão em nada. No fundo, era denúncia vazia, para encher a cabeça de quem não pensa duas vezes. Esse tipo de denúncia só desvaloriza a denúncia de fatos realmente ilegais. Não fazer ferrovia e não fazer represa seria muito bom. Se fôssemos todos índios.